IX SINMCA
IX Simpósio do Noroeste Mineiro de Ciências Agrárias e
VIII Semana Acadêmica
25 a 27 de novembro de 2025

Ocorrência de leishmaniose visceral em cão com presença de Dipylidium: relato de caso.

José C. S. Júnior [1,*], Ayla J. B. Souza[1], Isabela S. Lixandrão[1], Kennedy V. M. Oliveira[1], Michely B. Gomes[1], Paulo E. R. Marques[1], Fernando C. Rodrigues[2], Victor L. G. Batista [3], Gabriely A. Amaral [4] e Thais R. Santos-Doni[5]

[1] *Graduando em Medicina Veterinária - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Unaí-MG*
[2] *Médico Veterinário, Centro de Controle de Zoonoses, Unaí/MG*
[3] *Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBA),. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina/MG*
[4] *Médica Veterinária, Unaí/MG*
[5] *Professora adjunta, Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJ)M, Unaí/MG*

***E-mail do autor principal:** jose-carlos.silva@ufvjm.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

INTRODUÇÃO

A leishmaniose é uma doença de caráter zoonótico, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, e transmitida pela picada de flebotomíneos fêmeas infectadas. É uma enfermidade que apresenta grande importância na saúde pública e veterinária, devido ao seu impacto tanto em animais quanto em humanos (PEREIRA et al., 2019; COSTA et al., 2020).

No Brasil, destaca-se a leishmaniose visceral, que tem como principal vetor o flebotomíneo *Lutzomyia longipalpis* e como principal reservatório doméstico o cão. O parasita apresenta formas distintas em seu ciclo: nos vetores encontra-se como promastigota, enquanto nos hospedeiros vertebrados assume a forma amastigota, localizada principalmente no interior de macrófagos. (PEREIRA et al., 2019).

A expansão da doença no país tem sido observada nas últimas décadas, com registros crescentes em diferentes regiões, incluindo áreas urbanas e periurbanas. Essa expansão está relacionada à adaptação do vetor a novos ambientes e à proximidade entre cães e humanos, favorecendo a manutenção do ciclo de transmissão (COSTA et al., 2020).

Nos cães, a infecção pode ocorrer de forma assintomática ou clínica, sendo esta caracterizada por sinais como diminuição de peso corporal, apesar do apetite normal ou aumentado, esplenomegalia, poliúria, perda de massa muscular, letargia, diarreia, febre, os quais são consideradas manifestações clínicas gerais da doença. (LEISHVET, 2018; NELSON; COUTO, 2015; SILVA et al., 2019). Porém, pode haver ornicogrifose, dermatite esfoliativa não pruriginosa com ou sem alopecia, dermatite ulcerativa, hiperqueratose, entre outros. (LEISHVET, 2018; NELSON; COUTO, 2015).

O diagnóstico da leishmaniose visceral canina é considerado um desafio, sendo realizados principalmente exames sorológicos e parasitológicos, além de testes complementares que visam aumentar a precisão na detecção da infecção. A identificação correta da doença é essencial tanto para o manejo clínico dos animais quanto para a adoção de medidas de controle em saúde pública (COSTA et al., 2020).

Visto a importância zoonótica dessa doença, este resumo tem como objetivo relatar e descrever um caso de leishmaniose visceral canina com presença de *Dipylidium caninum,* atendido no Centro de Controle de Zoonoses em Unaí/MG.

MATERIAL E MÉTODOS

No dia 1 de outubro de 2024, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), foi realizado a necrópsia de um cão, que apresentava lesões dermatológicas, ornicogrifose e consequente suspeita de leishmaniose.

Para visualização microscópica, foi utilizada a lente objetiva de 100x e lâminas histológicas de medula e baço, em coloração panótica rápida do tipo Romanowsky.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

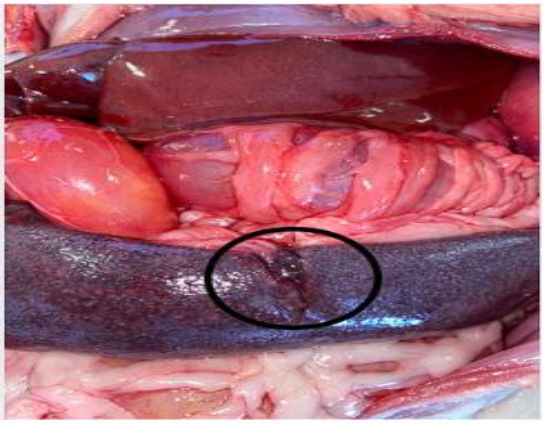
Antes da realização da necrópsia, foram observadas lesões superficiais no animal, como onicogrifose, linfadenomegalia e alterações dermatológicas, sinais clínicos comumente associados à leishmaniose.

Durante a necrópsia, constatou-se esplenomegalia e uma ruptura esplênica, cuja causa não pôde ser determinada, embora seja frequentemente relacionada a traumas contundentes, como acidentes automobilísticos, torções viscerais, neoplasias ou, mais raramente, à síndrome de ruptura esplênica tardia (KONING et al., 2024; LIU et al., 2013; SCHNORREMBERGER; CARVALHO, 2020; THIZEN et al., 2011).

Além disso, observou-se a presença de aderência de omento à região rompida do baço. Essa ocorrência pode ser explicada pelas propriedades fisiológicas do omento, que apresenta ampla vascularização, além de conter células mesoteliais, imunológicas e endoteliais em abundância. O omento atua como fonte de oxigenação tecidual, promove neovascularização, funciona como tecido de drenagem e está envolvido na liberação de fatores de crescimento e ativação de macrófagos. (FERRIGNO et al., 2010; AGNER et al., 2013; BRUN, 2017; PASCOLI et al., 2022).

Ademais, destaca-se como excelente reservatório de células-tronco, desempenhando papel relevante na revitalização tecidual e sendo amplamente utilizado como leito receptor de enxertos cutâneos e na cicatrização de feridas de difícil resolução. Sua capacidade de prevenir aderências viscerais pós-cirúrgicas também é bem documentada (FERRIGNO et al., 2010; AGNER et al., 2013; BRUN, 2017; PASCOLI et al., 2022). Devido a essas características regenerativas, o omento é frequentemente descrito como uma “incubadora in vivo” (DI NICOLA, 2019).

Figura 1 - Ruptura esplênica em cão com aderência de omento.



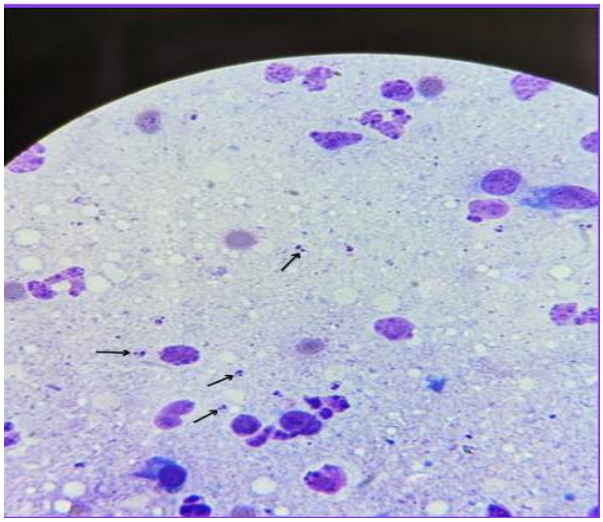
Ao decorrer da necrópsia, foi identificado no trato gastrointestinal, a presença do cestódeo *Dipylidium caninum,* o qual é responsável por causar sintomas como perda de peso, desconforto abdominal e diarreia (ROUSSEAU et al., 2022). Estes sintomas também são observados na leishmaniose, o que pode ter dificultado o diagnóstico primário.

Figura 2 - Parasita intestinal *Dipylidium caninum* evidenciado em necropsia.



Durante a necrópsia, foram preparadas lâminas histológicas para visualização microscópica. Ao analisar as lâminas de baço e medula, foram identificadas as formas amastigotas dos protozoários.

Figura 3 - Formas amastigotas identificadas em lâmina histológica de medula.



A partir dos sinais clínicos e sintomas descritos, da realização da necrópsia, da análise das lâminas histológicas e visualização das formas amastigotas na medula e baço, pode-se confirmar o diagnóstico de leishmaniose visceral canina.

CONCLUSÃO

Os achados deste relato de caso reforçam a importância da realização de necrópsias completas e da análise histopatológica na investigação de doenças infecciosas em cães, especialmente em regiões endêmicas para leishmaniose. A identificação concomitante de *Leishmania spp.* e *Dipylidium caninum* evidencia a possibilidade de co-infecções parasitárias, nas quais uma condição pode mascarar os sinais clínicos da outra, dificultando o diagnóstico clínico primário. Além disso, a presença de ruptura esplênica com aderência de omento destaca a relevância das respostas fisiológicas locais e sua potencial atuação como mecanismo de contenção tecidual. Estas observações contribuem para o entendimento clínico-patológico de infecções múltiplas e ressaltam a importância da abordagem diagnóstica ampla e multidisciplinar na rotina médico veterinária.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto de Ciências Agrárias (ICA), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus Unaí.

REFERÊNCIAS

JAIN, N. C. et al. Spontaneous hemoperitoneum associated with splenic rupture in dogs. *Medical Mycology Reports*, Bethesda, v. 6, n. 3, p. 483-490, 2012. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3493049/pdf/mmr-06-03-0483.pdf. Acesso em: 5 out. 2025.

ROUSSEAU, J.; CASTRO, A.; NOVO, T.; MAIA, C. *Dipylidium caninum in the twenty-first century: epidemiological studies and reported cases in companion animals and humans.* **Parasites & Vectors**, London, v. 15, n. 131, p. 1–13, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13071-022-05243-5. Acesso em: 11 out. 2025.

RUFFONI, E. et al. A prospective observational study of 345 canines with ruptured splenic tumors suggests benign lesions are more common than previously reported. *Journal of the American Veterinary Medical Association (JAVMA)*, Chicago, v. 263, n. 8, p. 985-990, ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.2460/javma.25.01.0044.

SANTOS, R. M. et al. Ruptura esplênica em cães: revisão de literatura. *Revista de Ciências Veterinárias e Saúde Pública*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/452. Acesso em: 5 out. 2025.

SCHNORRENBERGER, N.; DE CARVALHO, G. F. Ruptura esplênica decorrente de trauma automobilístico em um cão: relato de caso. *Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG*, Cascavel, v. 3, n. 2, p. 169-176, jul./dez. 2020. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/clv6HYR34PVPoBT_2020-1-29-17-29-1.pdf. Acesso em: 5 out. 2025.

SILVA, R. R. da et al. *Leishmaniose visceral em cães no Brasil: revisão de literatura.* Revista Veterinária (UFPel). Pelotas, v. 16, n. especial, p. —, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/veterinaria/article/view/21441/14063. Acesso em: 5 out. 2025.